

W. M. 70

Luís Moita

(CASO DA CAPELA DO RATO)

27-11-73 — Pouco depois das 7.30 h. entra em minha casa um grupo de 4 agentes da DGS. Sou detido sem mandato de captura e passam busca à casa sem mandato de busca e sem deixarem cópia do auto de apreensão. Cerca das 10 h. sou levado para a Cadeia do Forte de Caxias, indo directamente para uma sala de interrogatório no Reduto Sul. Logo a seguir um agente pergunta-me se quero ser tratado como um homem ou como um animal, dizendo-me que têm ordens para actuar sem contempações e que, quanto a mim, só tinha três hipóteses: ou falar, ou morrer, ou enlouquecer. Menos de meia hora depois da minha entrada na prisão começa o primeiro espancamento: 4 agentes bateram-me ferozmente com matracas (uma delas era de aço em espiral e outras três de borracha dura); atingiam-me sobretudo nos ombros, nos braços, nas nádegas e nas coxas, davam-me murros no estômago e nos intestinos, bofetadas na cara, pontapés, joelhadas... Por muitas vezes caí ao chão e então obrigavam-me a levantar batendo ainda mais bruscamente. Tive alguns desmaios — sem nunca perder os sentidos por completo — até que me atiravam copos de água e assim fiquei todo molhado e rebojava-me no chão também molhado e pouco antes do meio dia suspenderam o espancamento para o almoço, mas não consegui mais do que comer um pouco de sopa. Levaram-me a tirar as habituais fotografias para identificação e de novo me trouxeram para a sala de interrogatório, onde começaram a agredir-me das formas mais variadas: atiravam-se de calcanhares para cima dos meus pés, davam-me pontapés nas pernas e qualquer agente que entrava me dava bofetadas ou murros.

Tão depressa termia com frio como sentia imenso calor e de novo tive diversos desmaios de maneira que tinha de me deitar no chão para não cair desamparado. Comecei a sentir suores frios e um agente disse-me que eu estava com péssimo aspecto e então mandaram-me para a cela do Reduto Norte? Ao fim da tarde comi mais um pouco de sopa e como estava cheio de arrepios mandei chamar a enfermeira — ela pôs-me o termómetro (tinha 37,8) e disse-me que a febre se devia atribuir à reacção do organismo e ao esforço de reabsorção do sangue pisado; teve a enfermeira que me fazer a cama (porque eu não conseguia), deu-me uma aspirina e uma massagem com Hirudoid. Consegui descansar um pouco nessa noite.

28-11-73.— Logo de manhã fui ao médico a quem me queixei dos hematomas, da febre e da urina avermelhada — ele recusou-se a observar-me e diagnosticou uma gripe! Receitou-me um forte antibiótico que se destinava obviamente a prevenir muitas infecções no corpo.

A meio da tarde fui novamente chamado ao Reduto Sul, para uma sala das brigadas da DGS no rez do-chão, onde tive o segundo espancamento. Se o primeiro tinha sido bastante «científico» (evitavam atingir-me em pontos sensíveis, procuravam sobretudo magoar), este segundo foi totalmente descontrolado e muito mais violento: agora eram 6 agentes com matracas (de metal, de borracha e de madeira) que me batiam em todos os pontos do corpo, incluindo a cabeça e a cara; as pancadas na cabeça produziam uma enorme vibração por todo o corpo; davam-me também murros e bofetadas; chegaram a atirar-me uma mesa para cima; quando estava por terra, metiam-me a matraca na boca e espezinhavam-me a cara. Estranhamente não tive os desmaios da véspera e só pararam o espancamento quando eu, estendido no chão, gritei que me sentia muito mal. Tinha o olho esquerdo totalmente enevoado por causa dum pancada que me tinha apanhado o sobrolho e a pálpebra. Continuavam a dirigir-me os piores insultos e ameaças, incluindo a ameaça de me matarem. Deram-me uma almofada para encostar a cabeça sobre uma mesa e ainda tentei deitar-me no chão para descansar mas não consegui. Trouxeram-me um copo com um líquido verde, dizendo que era Narsan (?) e que

fazia bem ao coração — recusei. Talvez uma hora depois de acabado o espancamento tornaram a mandar-me para a cela e como eu mal podia andar um agente arrastou-me pelo corredor fora. Mais tarde já no Reduto Norte veio de novo a enfermeira que me tornou a dar massagens, tinha menos febre do que na véspera (37,1).

29-11-73 — Arrastando-me muito a custo, vou ao médico da parte da manhã. Era um médico diferente que me atendeu correctamente.

Ao princípio da tarde a DGS chama-me novamente para o Reduto Sul, mas o guarda prisional ao ver a dificuldade que eu tinha em mecher me disse ao agente que eu não poderia ir — este respondeu que então ficava para depois. Neste terceiro dia de prisão continuei a alimentar-me apenas de sopa, além de um pouco de leite de manhã. Tinha o corpo cheio de hematomas e muitíssimo dorido.

Passada a hora de jantar, tomei um calmante e já estava preparado para dormir quando me vêm buscar para a sala de interrogatório. Desloquei-me apoiado às paredes e era obrigado a frequentes paragens. Comecei então a tortura do sono, numa altura em que não tinha posição possível para o corpo e em que sentia dores intensas, sobretudo nos braços, nas pernas e na região lombar. Passado pouco tempo o corpo começou a inchar da cintura para baixo — apesar de estar quase sem comer, tinha os intestinos muito dilatados e um enorme inchaço na perna direita até ao joelho (que mal me cabia nas calças). Com o andar dos dias esse inchaço foi desaparecendo e dir-se-ia que passou para os pés apesar de nunca ter feito a tortura de «estátua», ao ponto de não aguentar os sapatos e passar a andar descalço.

Na noite do dia 30 tornei a ser espancado por um só agente que me bateu com a matraca de aço em espiral, mas este terceiro espancamento foi quase insignificante em comparação com os dois primeiros.

Estive 6 dias seguidos na mesma sala de interrogatório, sem nunca permitirem que me lavasse. A tortura do sono, porém, durou 4 dias e meio, num total de 114 horas consecutivas — todavia deixaram-me dormir metade da noite do quarto para o quinto dia e toda a noite do quinto para o sexto dia, num pequeno quarto anexo à sala de interrogatório. Embora nunca tivesse alucinações mas apenas algumas pertur-

bações visuais, experimentei com grande evidência as consequências psicológicas desta forma de tortura: o meu estado era de imensa prostração, acompanhada de um progressivo amolecimento da vontade e de um aniquilamento da personalidade. Periodicamente sentia na testa, entre os olhos e sobre o nariz, um enorme peso, como se todo o sono ali se concentrasse, passados instantes atravessava um período em que o corpo se tornava flácido e a voz ficava entramelada e depois vinha uma espécie de sensação de alívio — era como se tivesse descido um degrau da consciência e o organismo se instalasse numa nova plataforma inferior.

Durante a tortura do sono, os agentes escolhiam habilmente o momento psicológico para interrogarem. Cheguei a estar noites inteiras sob interrogatório.

Tão grande era a prostração que nem sequer tinha nervoso — só no final de uma noite estive agitado e com taquicárdia, pedi para chamarem um médico e responderam-me que dali só se saía de maca para o hospital.

Além destes 6 dias, voltei à sala de interrogatório mais 10 vezes, numa média de 6 horas de cada vez.

Estive 78 dias em regime de isolamento (sem recreos). Só escrevi a primeira carta ao fim do oitavo dia e tive a primeira visita da família após três semanas de prisão.

